



A presença de *midrashim* em crônicas de Natal de Clarice Lispector
The Presence of *Midrashim* in Christmas Chronicles by Clarice Lispector

Laís Maria Rosal Botler*

Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel
laisrosal@gmail.com

Rodrigo Baumworcel**

Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel

Resumo: O judaísmo nunca aparece de maneira explícita na literatura de Clarice Lispector. No entanto, como demonstram Gilda Szklo (1989), Nelson Vieira (1989) e Berta Waldman (2011; 2014), a influência judaica pode ser percebida de diferentes formas na escrita de Clarice. Neste trabalho, analisaremos a presença de *midrashim* na representação do Natal nas crônicas “Anunciação”, “A virgem em todas as mulheres”, “Ele seria alegre” e “A humildade de São José”.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Judaísmo. Midrashim.

Abstract: Judaism never appears explicitly in Clarice Lispector's literature. However, as shown by Gilda Szklo (1989), Nelson Vieira (1989) and Berta Waldman (2011; 2014), the Jewish influence can be perceived in different ways in Clarice's writing. In this work, we will analyze the presence of midrashim in the representation of Christmas in the chronicles “Anunciação”, “A virgem em todas as mulheres”, “Ele seria alegre” e “A humildade de São José”.

Keywords: Clarice Lispector. Judaism. Midrashim.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em uma família judia que imigrou para o Brasil em 1920. Segundo Berta Waldman,¹ embora a escritora afirmasse que sua primeira língua fosse o português, na realidade, a primeira língua a que teve acesso foi o ídiche,

* Doutoranda em Estudos Latino-Americanos na Universidade Hebraica de Jerusalém e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco.

** Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ WALDMAN, Berta. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011. p. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14081>. Acesso em: 23 fev. 2021.



já que seus pais se originavam de um *shtetel*, uma cidadezinha judaica, onde esse era o idioma predominante. Clarice não negava o seu judaísmo, como na famosa declaração dada ao jornal *O Globo*, em entrevista pouco antes de sua morte, em 1976: “Eu sou judia você sabe. Mas não acredito nessa besteira de judeu ser o povo eleito de Deus. Não é coisa nenhuma. Os alemães é que devem ser porque fizeram o que fizeram. Que grande eleição foi essa, para os judeus? Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto.”² O judaísmo, desse modo, nunca apareceu de maneira explícita na literatura da escritora. No entanto, como demonstram Gilda Szklo,³ Nelson Vieira⁴ e Berta Waldman,⁵ o intertexto judaico pode ser percebido de diferentes formas na escrita de Clarice Lispector.

Nelson Vieira em “A linguagem espiritual de Clarice Lispector”, afirma que “a linguagem e a obra de Clarice Lispector refletem e respeitam a estética da narrativa bíblica, especialmente a retórica do Antigo Testamento, onde o poder concreto da palavra, a repetição de palavras chaves e de uma sintaxe evocativa, mais o elemento mítico, paradoxal e ilógico, apresentam ao leitor um estilo sério, sagrado e espiritual, pleno de enigmas e perguntas.”⁶

Berta Waldman afirma em seu artigo “Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector”, que “uma referência judaica mais abstrata inscreve-se em seu texto” e que a herança judaica na literatura lispectoriana está muito presente na tendência dos textos da escritora para múltiplas interpretações e questionamentos.⁷

Nesse sentido, a pesquisadora aproxima os *midrashim* dos textos escritos por Clarice, uma vez que eles “se fazem por meio de formulações que, muitas vezes, beiram o enigma, procurando subverter o conteúdo manifesto do texto.”⁸ Waldman, avalia, ainda, que são abundantes, na obra de Clarice, as referências religiosas, sejam elas

² COUTINHO, Edilberto. Uma mulher chamada Clarice Lispector. In: COUTINHO, Edilberto. *Criaturas de papel: temas de literatura & sexo & folclore & carnaval & televisão & outros temas da vida*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, pp. 165- 170, 1980.

³ SZKLO, Gilda Salem. O búfalo. Clarice Lispector e a herança mística judaica. *Remate de Males*, Campinas, v. 9, p. 107-114, 1989.

⁴ VIEIRA, Nelson H. A expressão judaica na obra de Clarice Lispector. *Remate de Males*, Campinas, v. 9, p. 207-210, 1989.

⁵ WALDMAN, Berta. Clarice e Elisa Lispector: caminhos divergentes. *WebMosaica - Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 6, n. 1, p. 10-17, jan-jun 2014.

⁶ VIEIRA, 1989, p. 83.

⁷ WALDMAN, 2011, p. 3.

⁸ WALDMAN, 2011, p. 4.



judaicas, cristãs ou de outras crenças, o que se pode vislumbrar desde os títulos de seus textos, como em: *A via crucis do corpo*, *A maçã no escuro*, *A paixão segundo G.H.*, até concepções de mundo relacionadas às religiões, como a criação do homem e sua relação com Deus.

No artigo "Clarice e Elisa Lispector, caminhos divergentes", Waldman compara os caminhos traçados por Clarice e por sua irmã, Elisa Lispector.⁹ Enquanto Clarice apresentaria uma abordagem mais abstrata de questões judaicas, sua irmã mais velha, Elisa, tomaria para si a responsabilidade de narrar, em seus textos, questões explícitas relacionadas à vida judaica, como, por exemplo, em seu romance *No exílio*, publicado em 1948, no qual relata as perseguições sofridas pelos judeus na Europa, a fuga da Ucrânia e a criação do Estado de Israel.¹⁰

Essa diferença entre a escrita das duas irmãs também pode ser percebida em uma das poucas cartas em que Clarice menciona, de forma mais ou menos explícita, a influência do judaísmo em sua vida. Quando vivia em Berna, na Suíça, sua auxiliar doméstica Rosa colocou, de surpresa, uma enorme árvore de Natal em sua sala, com luzes e presentes. Clarice ficou emocionadíssima, mas teve que enfrentar um impasse com a visita de amigas judias à sua casa. Eis o seu relato:

tendo convidado Mariana e mme. Fridman para almoçar hoje, de repente me lembrei do que elas iam pensar vendo uma bruta árvore de Natal na sala de jantar... Seria impossível explicar... Então, com toda a gentileza de que sou capaz, expliquei à Rosa que convinha tirar porque vinham duas brasileiras e que no Brasil só se bota árvore de Natal quando se tem filhos. [...] É capaz de Elisa dizer: por que você não explicou? Eu respondo que detesto confundir pessoas, que apesar de Rosa ser inteligente, tem uma mentalidade simples e eu ia dar um problema irresolúvel para ela. Enfim, a árvore linda e iluminada, que para mim ficou como um símbolo da bondade humana, está toda pobrezinha no sótão da casa.¹¹

Como é possível perceber, a maneira como Clarice lida com o judaísmo, também no seu cotidiano, não era explícita, mas cercada de caminhos e descaminhos.

⁹ WALDMAN, 2014.

¹⁰ LISPECTOR, Elisa. *No exílio* (romance). Brasília: EBRASA, 1971.

¹¹ LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Teresa Montero (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p. 147-148.



Nesse sentido, nesta comunicação, objetivamos analisar a inserção de uma dicção judaica, a saber, uma forma de *midrashim*, nas crônicas de Natal de Clarice Lispector já citadas.

1 Clarice invoca uma interpretação judaica para o nascimento de Jesus

Na crônica “Anunciação”, Clarice retrata a revelação do nascimento de Jesus a Maria por intermédio de suas próprias palavras. Para isso, a escritora usa a imagem do pintor italiano Angelo Savelli (1911-1925). Por meio das palavras de Clarice, a anunciação ganha um diálogo.

Clarice escreve: “Cada ser humano recebe a anunciação e, grávido de alma, leva a mão à garganta em susto e angústia. Como se houvesse para cada um, em algum momento da vida, a anunciação de que há uma missão a cumprir. A missão não é leve, cada homem é responsável pelo mundo inteiro.”¹²

A partir dos estudos de Waldman, podemos perceber que a influência dos *midrashim* nessa passagem se dá por intermédio de similaridades literárias e proximidade da narrativa com a dicção judaica. Especificamente, as crônicas de Clarice teriam um papel específico por se tratar de um uso não convencional da tradição judaica para a criação de contos sobre o Natal ou sobre a figura de Jesus. Em suas breves palavras, a autora invoca três diferentes fontes judaicas. Para fins de análise, separaremos as passagens e a forma como Clarice as utiliza.

A primeira fonte é uma interpretação escrita no conjunto denominado *Midrash Rabá*. Segundo *Bamidbar Raba*, o nome “Puá”, relatado como o nome de uma das doulas que contra a vontade do Faraó mantinham os filhos dos judeus vivos, é relacionado com o momento em que, sem saber o que falar, um som escapa de nossa garganta. Ao comentar essa passagem, o texto afirma:

Três presentes bons Deus deu à Israel e não os deu senão através do sofrimento, são eles: A Torá, a terra de Israel e a vida no mundo vindouro. [...] Puá apareceu frente a frente com Faraó e deixou sua ira escapar. Disse Puá ao Faraó: O que será desse homem quando ele vir Deus em sua frente? O Faraó se vingou mandando-a a morte.¹³

¹² LISPECTOR, Clarice. Anunciação. In: LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 158.

¹³ SHEMOT RABA, Capítulo 1, Porção Shemot. Manuscrito se encontra em The Jewish Theological Seminary of America. New York, NY USA Ms. ENA 3498.2, Publicado como parte do projeto The Friedberg Genizah Project (FGP) 24494401. Número de descrição 990053281050205171



Segundo o texto hebraico, a vida no mundo vindouro, ou a vida após a morte, está relacionada com a dor do sofrimento e da angústia nesse mundo, e o nome Puá é representado como um exemplo desse pensamento. Assim, enquanto Clarice escreve sobre o estar grávida na alma, e o susto e a angústia dessa anunciação, ela traz, por meio da anunciação cristã, um exemplo para o pensamento judaico de vida e morte.

Após relatar a angústia e o sofrimento no momento da anunciação, Clarice relata a sensação de Maria de saber a missão do filho antes mesmo do seu nascimento. Diz o texto: "Maria aperta a garganta com a mão, em surpresa e angústia".¹⁴ Essa sensação não é nova na narrativa bíblica. A mãe de Sansão, por exemplo, sabia do destino do seu filho e foi informada por um anjo. O texto bíblico afirma, no livro de *Juízes*, Capítulo 13:

Certo homem de Zorá, chamado Manoá, do clã da tribo de Dã, tinha mulher estéril. Certo dia o Anjo do Senhor apareceu a ela e lhe disse: "Você é estéril, não tem filhos, mas engravidará e dará à luz um filho. Todavia, tenha cuidado, não beba vinho nem outra bebida fermentada e não coma nada impuro; e não se passará navalha na cabeça do filho que você vai ter, porque o menino será nazireu, consagrado a Deus desde o nascimento; ele iniciará a libertação de Israel das mãos dos filisteus".¹⁵

A narrativa de Clarice não está, como se vê, muito distante dessa imagem da mãe de Sansão, uma mulher que, sozinha, recebe a anunciação. Numa perspectiva patriarcal, Maria e a mãe de Sansão aparecem na narrativa bíblica como mulheres que vivem para os seus filhos e essa referência não é incomum no texto bíblico. Outra personagem bíblica que pode exemplificar essa função materna é Sarah, mulher de Abraão. Ela também recebe a anunciação e, ironicamente, não acredita nela, embora comunicada pelo próprio Deus:

Então disse o Senhor: "Voltarei a você na primavera, e Sara, sua mulher, terá um filho". Sara escutava à entrada da tenda, atrás dele. Abraão e Sara já eram velhos, de idade bem avançada, e Sara já tinha passado da idade de ter filhos. Por isso riu consigo mesma, quando pensou: "Depois de já estar velha e meu senhor já idoso, ainda terei esse prazer?"¹⁶

¹⁴ LISPECTOR, 1999, p. 158.

¹⁵ Jz 13: 2-5.

¹⁶ Jz 13: 2-5.



Por fim, Clarice termina a crônica com a seguinte frase: cada homem é responsável pelo mundo inteiro. Segundo a tradição judaica, a relação entre o homem e o mundo é a de muito cuidado. No entanto, no conjunto de textos do Talmude denominado *Mishna*, no tratado de Sanedrin, está escrito: “Sendo assim, todo homem deve dizer: ‘para mim foi criado o mundo’.”¹⁷ Clarice, em consonância com o texto judaico, afirma, em sua crônica, que a criação do mundo demanda responsabilidade.

2 O José de Clarice, uma comparação com o Moisés dos sábios talmúdicos

Na crônica “A humildade de São José”, Clarice afirma: “São José é o símbolo da humildade. Ele sabia que não era o pai da Criança e cuidava da virgem grávida como se ele a tivesse germinado. São José é a bondade humana. É o autoapagamento no grande momento histórico. Ele é o que vela pela humanidade.”¹⁸ Nesse sentido, o José de Clarice é uma figura humilde que zela pela humanidade como um todo. Na tradição judaica, essa figura é retratada como Moisés. Diz o texto bíblico: “Ora, Moisés era um homem muito paciente, mais do que qualquer outro que havia na terra”.¹⁹ É importante ressaltar que essa denominação não é dada a nenhum outro personagem na narrativa bíblica. Como os sábios entenderam esse adjetivo tão importante dado a Moisés? Uma das histórias sobre Moisés em *Sifrei Devarim* relata:

E o homem, Moisés, era extremamente humilde. " E aconteceu uma vez que a casa do imperador enviou (uma delegação, dizendo a eles) "Procure a sepultura de Moisés". Eles foram. Quando eles estavam em cima, ele (seu túmulo) parecia estar embaixo. Quando eles ficaram embaixo, parecia estar acima. Eles então se dividiram em dois grupos (um acima e outro abaixo), mas para aqueles que estavam acima, parecia estar abaixo; e para os que estavam abaixo, parecia estar acima – isso de acordo com "e ninguém sabia sua sepultura."²⁰

¹⁷ MISHNA, Livro Nezikim, Tratado Sanhedrim, Capítulo 4, Lei 5. Manuscrito se encontra em Cambridge, Cambridge University Library. Seção de Manuscritos, número de descrição: T-S E2.73

¹⁸ LISPECTOR, Clarice. A humildade de São José. In: LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 158-159.

¹⁹ Nm 12:3.

²⁰ SIFREI DEVARIM, Capítulo 357, Seção 32. Manuscrito se encontra em The Jewish Theological Seminary of America. New York, NY, USA. Ms. ENA 3812.3, Publicado como parte do The Friedberg Genizah Project (FGP) 27502401. Número de descrição 990053306610205171



A figura de Moisés, segundo esse conto, está, como se pode perceber, para além da morte física e paira pelo mundo com sua humildade. Será o José de Clarice, o Moisés dos sábios da tradição judaica? A semelhança pela qual os dois personagens estão descritos leva a essa sutil aproximação. Em outras palavras, tanto o José descrito poeticamente por Clarice quanto o Moisés como descrito pelos sábios judeus do século I são personagens cultuados pela sua humildade e, de tão humildes, ganham um espaço na responsabilidade para com toda a humanidade.

A consequência dessa relação entre Moisés e José é muito importante para o entendimento da relação de Clarice com o judaísmo. José sendo Moisés, ou Moisés sendo José, revela uma figura masculina que zela, com humildade, pelo mundo, o que está além da função de procriação. Tanto José quanto Moisés não tiveram marcadas, nos relatos, uma continuidade familiar, por isso, a possibilidade de que a humildade esteja conectada com a capacidade de gerar uma transformação no mundo sem, necessariamente, estar conectada com a paternidade é um marco importante.

A tradição exegética judaica busca uma pluralidade de interpretações para o que está subentendido no texto bíblico. Sendo assim, um leitor que possui o repertório das fontes judaicas pode depreender que Clarice, ao contar com suas palavras o momento da anunciação à Maria e, também, em seu esforço em categorizar José, suplementa a longa tradição de interpretação judaica. Assim, nossa leitura, tal qual a de Waldman, defende que “a escritura de Lispector permanece, talvez inconscientemente, fiel à interdição bíblica judaica, de delimitar o que não tem limite, de representar o absoluto”.²¹

Sobre a árvore de Natal, Clarice a aponta como um símbolo da bondade humana. Esse olhar universal, humanista, para o símbolo religioso conectado ao Natal, somado às outras referências que trouxemos ao longo deste texto, remete a um paradoxal “Natal Judaico” de Clarice. Esse sincretismo, fruto da identidade brasileira da escritora, é, também, um sinal da sua judeidade e da sua conexão com a cultura popular brasileira.

A capacidade criativa de Clarice lembra uma passagem das fontes judaicas que dizem sobre a criação do mundo:

Artista. A Torá diz que foi um instrumento artístico na mão de Deus, enquanto no mundo o homem de carne e osso constrói palácios, ele não constrói por si mesmo, senão que por conhecimento do Artista.²²

²¹ WALDMAN, 2011, p. 3.

²² BERESHIT RABA, Capítulo 1, Porção Bereshit. Manuscrito se encontra em The Jewish Theological Seminary of America. New York, NY, USA, Ms. ENA 2571.7



Nessa passagem, Deus é comparado ao artista que cria sua obra pelo conhecimento. A perspectiva artística divina se faz, assim, presente na criação mundo e a criação humana, ou seja, a arte, por extensão, torna-se, então, parte inseparável da criação contínua do mundo. Clarice, ao criar literatura, cria uma obra que mescla culturas, tradições e dá luz a um novo entendimento de mundo, mais harmônico e universal. Talvez possamos ousar dizer que, por intermédio da literatura, Clarice dá luz à Arte, à criação divina no mundo cotidiano.

Referências

BERESHIT RABA, Capítulo 1, Porção Bereshit. Manuscrito se encontra em The Jewish Theological Seminary of America. New York, NY. USA. Ms. ENA 2571.7. Publicado como parte do projeto The Friedberg Genizah Project (FGP) 11938401.

COUTINHO, Edilberto. *Criaturas de papel: temas de literatura & sexo & folclore & carnaval & televisão & outros temas da vida*. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1980.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Teresa Montero (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LISPECTOR, Elisa. *No Exílio*. Brasília: EBRASA, 1971.

MISHNA, Livro Nezikim, Tratado Sanhedrim, Capítulo 4, Lei 5. Manuscrito se encontra em Cambridge, Cambridge University Library. Seção de Manuscritos, número de descrição: T-S E2.73

SHEMOT RABA, Capítulo 1, Porção Shemot. Manuscrito se encontra em The Jewish Theological Seminary of America New York, NY USA Ms. ENA 3498.2, Publicado como parte do projeto The Friedberg Genizah Project (FGP) 24494401.

SIFREI DEVARIM, Capítulo 357, Seção 32. Manuscrito se encontra em The Jewish Theological Seminary of America New York, NY USA Ms. ENA 3812.3, Publicado como parte do projeto The Friedberg Genizah Project (FGP) 27502401.

Publicado como parte do projeto The Friedberg Genizah Project (FGP) 11938401.
Número de descrição 990053174550205171.



SZKLO, Gilda Salem. O búfalo. Clarice Lispector e a Herança Mística Judaica. *Remate de Males*, Campinas, v. 9, p. 107-114, 1989.

VIEIRA, Nelson H. A expressão judaica na obra de Clarice Lispector. *Remate de Males*, Campinas, v. 9, p. 207-210, 1989.

WALDMAN, Berta. Clarice e Elisa Lispector: caminhos divergentes. *WebMosaica – Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 6, n. 1, p. 10-17, jan-jun 2014.

WALDMAN, Berta. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14081>. Acesso em: 23 fev. 2021.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.